



D. S. P.

3ª Repartição

1ª Secção

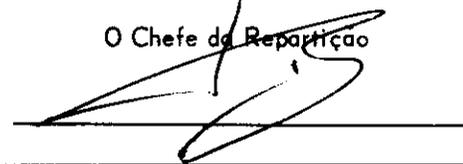
ENVIADO AD.S.P.-EM.
EM 21/7/72
AS 13.30 HORAS

Programa Nº <u>2026</u>	Programa <u>metrop-2</u>
Data de entrada <u>28 JUL 72</u>	
Hora _____	
Pedido de gravação	
A gravar em <u>26/7/72</u>	Emissão de <u>8/8/72</u>
Hora <u>15.00</u>	<u>21.20</u> Horas
Número do pedido de gravação	

Programa nº 2026

Folha de pareceres nº 2935

Tempo Literário

INFORMAÇÃO	
O Assistente _____	
	
PARECER	<i>Programa excelente, totalmente dedicado a Literário Nacional.</i>
O Chefe da Secção	
	
PARECER OU DESPACHO	<i>aprovado</i>
O Chefe da Repartição	
	
DESPACHO	
O D.S.P. _____	

REPARTIÇÃO DE PROGRAMAS LITERÁRIOS E CIENTÍFICOS	
PROGRAMA N.º 2026	PROGRAMAS METROPOLITANOS
DATA DE ENTREGA 20 JUL 1972	PROGRAMA 2º
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	ESPECIES DE 8/8/72
A GRAVAR EM 26/7/72	21.20 HORAS
HORA 15.00	08
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	R.P.L.C. O CHEFE

TEMPO LITERÁRIO

RTP

- Um programa da Emissora Nacional
- Neste número, inteiramente consagrado a Vitorino Nemésio, na dupla qualidade de ensaísta e poeta, colaboram o homenageado e o crítico literário João Maia.

LOCUTORA

---

- A --- Professor Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Doutor Vitorino Nemésio dedicou boa parte da sua actividade de mestre e estudioso da literatura portuguesa ao período romântico e, em especial, à obra de Alexandre Herculano.
- D --- Bem andou por isso a Livraria Bertrand, confiando aos seus cuidados a reedição crítica das Obras Completas do grande escritor do século 19.
- A --- Neste momento, aparece-nos o romance histórico "Eurico o Presbítero", primeiro tomo de "O Monasticon", díptico que se conclui com "O Monge de Cister".
- D --- O "Eurico" foi escrito em 1843 e publicado ~~o~~ volume em 1844, depois de aparecido em sucessivos extractos no Panorama e na Revista Universal Lisbonense.
- A --- Na presente edição - e conforme consta da "advertência" - procedeu-se à actualização ortográfica do texto, "não só porque, em nome da unidade da língua, ela se impõe em tudo o que não seja documento de um estágio linguístico geral ou dialectal importante, mas porque, conhecidas as ideias sensatas de Herculano sobre estes problemas, ele seria o primeiro a aderir ao sistema gráfico actual". Sabe-se aliás, e David Lopes o ~~o~~ aprovou abundantemente, "quanto Herculano foi flutuante e menos feliz em matéria ortográfica e etimológica. Os conhecimentos linguísticos generalizados nesse tempo não ajudavam o letrado".
- D --- A edição actual conserva as formas latinas ou alatinadas; mas já dos nomes arábicos ou arabizados se introduziram as formas correctas, trabalho de que se encarregou o Professor Pedro Serra. Também as formas dos nomes germânicos e outros, cujo aspecto era incorrecto, *Com a colaboração do Prof. Joseph Pil.* ~~du~~gido ou incoerente no texto-matriz, se ~~ap~~ortuguesaram. Todavia, respeitaram-se intenções e valores de expressividade, sempre que se

descobriram.

A --- No seu modelar e exaustivo trabalho de revisão crítica, em que se revela a superior competência do filólogo, Vitorino Nemésio atendeu prudentemente à circunstância de o "Eurico" ser texto escolar; a partir de agora, ~~não~~ não mais será fonte de graves erros - linguisticamente confuso, como andava em anteriores edições.

D --- Com a modéstia do intelectual autêntico e do autêntico mestre, o Professor Vitorino Nemésio conclui a sua "advertência," escrevendo:

A --- "A nossa intenção é boa. Se algumas vezes errámos, esperamos que nos corrijam".

D --- A introdução a este volume das "Obras Completas de Alexandre Herculano" intitula-se "Eurico, História de um Livro".

Seguindo correcta metodologia, começa pelo resumo da intriga romanesca, de que o Professor Vitorino Nemésio vai ler-nos os primeiros passos:

V.N. ----

RTP
ARQUIVO

A oeste de «huum logar que dizem Calpe» (como vem em Fernão Lopes)¹ — a curva de uma baía. Ali aninhada — Carteia, de fundação fenícia, ergue o seu presbitério na solidão das ruínas. Um bispo bárbaro, Siseberto, condoído do misero rebanho, pensara dar-lhe um pastor afeito ao deserto e ao silêncio. Quem melhor do que Eurico, gardingo na corte de Vitiza, tiufado do exército visigótico, a quem Siseberto acabara de tonsurar na Sé de Hispatis? O moço tivera uma vida agitada em Toletum. Rico e gentil, atrevera-se a amar Hermengarda, a filha de Fávila, duque de Cantábria, irmã de Pelágio; e teria sofrido morte afrontosa por isso se não fora a amizade de um irmão de armas, Teodemiro. Hermengarda parece curvar a cabeça à oposição do pai. Eurico desespera e consagra-se a Deus.

Agora, vestida a «estrange flutuante», erra nos pinos do Calpe e consola as almas de Carteia. É o «anjo tutelar dos amargurados». À noite debruça-se num pedaço de pergaminho, onde escreve hinos e trenos ao gosto de Santo Isidoro, à luz esmorecida do presbitério. O que pensa é supremo e desesperado; tem «a voz do profeta»: fala do nada humano, da antiga glória e inteireza dos Godos, das verdades do cristianismo, de solidão e de poesia.

D --- Numa prosa magnificente, que rivaliza com a do próprio Herculano, o resumo do texto alonga-se por 14 páginas, extensão que o Professor Vitorino Nemésio justifica:

A --- Fazer tão longo argumento junto do próprio texto pode parecer redundante. Mas um Eurico curto, espécie de esquema de filme, não deixa de ter interesse. Os valores romanescos dissolvidos nas tiradas e nos quadros de batalha ressaltam talvez melhor.

D --- Segue-se, na Introdução, a análise crítica do "Eurico".

E, ainda aqui, vai o Professor Vitorino Nemésio ler-nos um exerto:

*
V.N. ---



— O livro é ao mesmo tempo arrastado e admirável. O conflito, decerto, está longe da perfeição. A este respeito, as duas obras-primas do romantismo português — Frei Luís de Sousa e Eurico —, gémeas no tempo e nos motivos, separam-se tanto quanto Garrett se afasta e diverge de Herculano. Um é a constante pessoal do Português aberto à ordem clássica, o Português lúcido e sensível da saudade e do pecado de delícia numa equação de tragédia, com sentimentos de Bernardim em formas de Camões; outro, a do Português de cerne, que peca sôbriamente e supera em dureza o seu pecado, sentindo à Sá de Miranda e falando com ásperos soluços. Ambos bem nossos.

É singular que, tanto Garrett como Herculano, ao quererem recuperar dois séculos de literatura nacional vazia de invenção, sem teatro nem romance, e ambos guiados pela clara vontade de expressão de uma matéria típica da visão portuguesa do mundo, viessem a cair no tema do amor desesperado e na interferência religiosa no sistema do desespero. O amor de Eurico a Hermengarda tem a mesma fatalidade do de Manuel de Sousa Coutinho a D. Madalena de Vilhena. No Eurico o estado religioso começa por ser a solução do herói, como no Frei Luís de Sousa acaba por ser a do herói e da heroína. Sòmente, enquanto no drama os votos monásticos preenchem e esgotam a catástrofe, no romance preparam-na de longe. O sacerdócio de Eurico, contrapontado pelo amor, é a substância da peripécia; o de Manuel de Sousa é o coroamento dela. Eurico refugia-se do pecado do Presbítero na ética do guerreiro: morre em combate. Hermengarda, inocente, é imolada na loucura. Manuel de Sousa e Madalena abrigam-se no claustro: é uma solução suprema, mas pensada e social, com dia marcado para o escapulário e o hábito; solução de alma romântica e rosto clássico. Eurico e Hermengarda, esses não têm o domínio civilizado dos seus actos: vão até onde pode a situação sugerida e a frase desdobrada. A própria corrida da frase em socorro da situação conduz Herculano a excessos e ingenuidades. Mas os lances patéticos verosímeis provocam quase sempre as palavras cheias e justas: solilóquios de Eurico, ambientes do Mosteiro da Virgem Dolorosa e da caverna de Pelágio, diálogo do gardingo e Hermengarda nos pontos de crise viva.

D --- Depois deste paralelo com Garrett e o seu Frei Luís de Sousa, a Introdução do romance de Herculano prossegue, no confronto da obra com os aspectos gerais do romantismo europeu, tal como aparece nos autores e textos mais representativos e aparentados: O Génio do Cristianismo, de Chateaubriand; o Jocelyn, de Lamartine; o Adolphe, de Benjamim Constant; e, principalmente, Walter ~~Scott~~ ~~Scott~~ Scott.

9 Ao mesmo tempo, Vitorino Nemésio traça as linhas de força da história social e política em que Herculano se moveu e que de algum modo percorrem a sua obra como um fio de água subterrânea.

A terminar, a exposição clara das sucessivas e contraditórias reacções da crítica e da projecção literária e popular do Eurico - ao longo da segunda metade do século XIX. Oíçamos, ainda na voz do autor, os últimos parágrafos da sua introdução ao 1.º tomo do "Monasticon":

V.N. ---



— *Aí fica a história externa, às vezes anedótica, de um livro português de irradiação talvez só comparável à que Os Lusíadas conheceram, guardadas as devidas proporções de género, grandeza e lugar, na essência da nação, como vade-mécum dos seus filhos. E as vicissitudes de voga, que aqui reunimos e podemos colher ao longo de alguns anos de investigação herculaniana (embora um pouco ao acaso), poderiam certamente alargar-se. Mas o mais interessante seria aprofundar a irradiação do Eurico nas almas e nos espíritos, o poder de proliferação do seu ideal amoroso, religioso, moral — as ressonâncias históricas e étnicas que envolve e acordou. Alguns dados que aí ficam entremostam pelo menos esse lado.*

Se a «crónica-poema, lenda ou o que quer que seja» de Herculano se não recomenda propriamente pela efabulação delicada, por uma acção puramente encarnada e vivida, personagens diferenciadas, notação justa e subtil (o que não era de esperar num romance romântico),

há nela, todavia, uma atmosfera, um clima, em que respiravam naturalmente as almas das gerações românticas, e que ainda tinha condições de procura para espíritos já combalidos de outro modo. Além disso, páginas como as que dão a solidão de Covadonga e as que movem o exército árabe em perseguição da patrulha do Cavaleiro Negro são grandes no estilo de qualquer literatura do mundo. Seja como for, um ar de montanha, de providencial descampado — as Astúrias trazidas pelos barões formados na escola de Egas Moniz até alturas da Arrábida — vive e circula ali. E isso é que é importante, permanente, inegável.

D --- No final do volume, pertinentes notas ao texto: as originais de **Herculano**; e muitas outras, de igual utilidade, que compõem para a presente edição crítica a **Dr.ª Maria Helena Lucas**.

A --- Uma excelente cronologia do reino visigótico, ~~baseada em material recolhido na Enciclopédia Espasa...~~

D --- E ainda uma bibliografia modelar: Trechos do Eurico publicados antes da 1.ª edição, indicando-se variantes e omissões; edições; e traduções.

A --- Como os anteriores volumes já integrados na presente reedição crítica, este volume constitui um trabalho modelar.

Não é possível, de futuro, utilizar outras edições de Herculano, que não esta, devida ao sábio labor de Vitorino Nemésio e de seus colaboradores: Maria Helena Lucas e, na verificação do texto, António C. Lucas.

RTP
ARQUIVO

---(música: electrónica; se possível Stochansen)

D --- Mas Vitorino Nemésio não é só o erudito, o filólogo, o historiador da literatura, o ensaista. É também o grande romancista, autor deste monumento da moderna ficção portuguesa que se intitula "Mau Tempo no Canal". E é ainda o poeta de "O Verbo e a Morte", um dos maiores poetas da língua lusíada.

A --- Com um novo livro de poemas de Vitorino Nemésio, "Limite de Idade", inaugura a Editorial Estúdios Cor uma colecção de poesia de primorosa apresentação gráfica, que incluirá, em cada volume, um disco gravado pelo respectivo autor.

Intitula-se a nova colecção: "Auditorium".

D --- Por especial deferência do autor e do editor para com este programa, poderão os ouvintes de Tempo Literário escutar em transmissão integral, o disco que acompanha "Limite de Idade".
Na primeira face, Vitorino Nemésio fala do seu novo livro:

N.N. ---- (disco)

D --- Oigamos agora a segunda face do disco que acompanha esta primorosa edição de "Limite de Idade", que vamos transmitir por especial concessão de Estúdios Cor e de Vitorino Nemésio.

Na voz do autor, alguns poemas:

---(música: Stokhansen)

V.N. ---- (disco)

--- (música: idem)

D --- A encerrar este programa dedicado a Vitorino Nemésio oiçamos
uma crítica a "Limite de Idade", por João Maia.



Critica pelo Sr. João Maria,
a transmitir em 1/8/72,
às 21h 20m em Livro 2 (OM).

LIMITE DE IDADE

por

VITORINO NEMÉSIO

"A Poesia é um louco laboratório / E eu dispo a bata para não chorar".
Neguemos já estes dois versos do novo livro de Vitorino Nemésio, para dizer
que ele vestiu uma bata hermética de cientista a nível dos tempos e quando,
com certo terror, vamos lá, esperávamos algum veneno dos crisóis, sai-nos
um livro novo de verdade, na forma e na temática. Na temática alargada a
toda a limalha de um mundo de serralheiros e mecânicos que nos projectam
para a lua e nos fazem dar saltos de símios com loucura, alargada aos segre-
dos de genesia perturbante, à molécula animada e ao positrão nervoso. Para
já o que impressiona um leitor que seja um pouco ~~poeta~~ ingénuo é a mistura
de elementos álgidos arrancados às províncias da ciência com a emoção de
um poeta subjectivo, de um lírico insubornável. Bir-se-ia que por estarem
tão batidas as imagens, tão gastas as metáforas campesinas ou estelares, o
fundo sentidor e bom letrado refugiou com esforço e de caso pensado ao trilho
comum. Os provençais cantam bem mas é no tempo da flor! Mas no tempo da
bomba atómica e dos aviões de jacto e dos laboratórios de genética? Isso é
outra primavera, jardim metálico de ásperas florações. Tem de vestir-se a
bata sinistra. Mas se por baixo pulsar um coração lírico a ciência continua
a ser a gaia ciência que não aterra antes diverte os cortesãos que não somos.
Esta poesia de Nemésio tão original e radiada de acenos científicos está a

pedir uma atenção que se não confine ao mero formalismo mas, dada a fórmulas e nomes cabalísticos, reverta de continuo ao soluço lírico que se embarga de areias inabituais quase inóspitas. Quem quiser entender tudo à primeira leitura não leia os poetas que de verdade o são. Se bem que Nemésio além dessa dificuldade comum a todos os bons poetas aveza outra que é a do desusado do vocabulário com que se complicam as suas metáforas. Se por vezes abrem os seus versos espaços inéditos de céu e relva também se embrulham em expressionismos alcantilados onde só cordas de alpinistas deixam caminho viável. Mas em arte tudo se deve tentar. E as boas obras padecem violência. *Querem* ~~que~~ ^{o poeta} se refere à criação ^{do mundo} imaginada pelos cientistas e sugerida pela crença ingénua a que se sobrepõe um leve sonho *Que é o poema: —*

na poesia do mundo na vida
Em todo o caso, em todo o caso

Ainda um talvez.

Como em Boltzmann e Gibbs a vastos formalismos:

Uma poeira astral era uma vez

E foi-se pelo dos abismos.

Mas logo outra galáxia calculada

O vermelho longínquo condensou.

Eu digo por hipótese: Do nada,

Deus, que é cálculo e amor, tudo ~~tissu~~.

Que eu se pudesse, ao giz pedia apenas,

Além da cal mortuária, o carbónico

De um homem novo:

O meu filho electrónico,

Aliviado das minhas penas.

Mas, pra milagre tal, que é dele, o ovo?

Haverá, de certo, obstinado acinte em referir a grânulos científicos toda uma escala lírica onde se ouve o cansaço de letras e tretas de um mundo que não enche a vasta espiritualidade de um sentidor que se não deixa iludir com o esplendor da bagatela de que fala a Bíblia. Nemésio é um dos espirituais que se reconhece em Nnamuno seu mestre. E já sabemos o que aconteceu com Unamuno quando passados os quarenta anos começou a escrever poesias. Encontrou em Madrid Ruben Dario que misericordiosamente consentiu em chamar-lhe poeta não obstante a rudeza do verso. Sentiu-se Unamuno e passados muitos anos encontrando-se exilado em Fuerteventura e mostrando-lhe os habitantes da ilha umas pedras calcinadas onde Ruben Dario tinha cosido um arroz em dia de campo Unamuno reflectiu que quando tiverem passado os arrozes literários do misericordioso outros poetas virão ao de cima... E acertou. A poesia de Vitorino Nemésio vive de um drama espiritual em que a Vida e a Morte conflituam. O poeta não arma à dificuldade, lida com os dons de expressão que lhe são nativos e as suas metáforas indomadas esplendem e britam o cascalho grosso dos

fogões da moderna tecnologia. A sua poesia lambe os aços e os ferros
assimila as fórmulas, azula a química sombria mas ao fim e ao cabo
faz isso com certa ironia para fazer avultar o homem, o poeta afinal
a quem é dedicado o suave requiescat com que fecha o livro:

Direi pela noite não ódio que tivesse
Nem detestar vida corpórea e ninhos de manha,
Mas meu alto cansaço, a tristeza de lá
Onde se sente o aqui traído, a falsa entranha.

Direi -não "fora!" ao mundo que me cinge
(Outro onde o sei e como chegaria?),
Mas dos anos de ver, pensar durando
Retiro uma moeda de nada,
Fruto do meu suor, e pago o pão que se me deve,
Compro o silêncio que se me deve
Por ter cumprido a palavra,
Trabalhando nas palavras,
E por elas merecido a terra leve.

LIMITE DE IDADE não limita nem acusa a idade do seu autor . Foge ao domínio
de Cronos na asa pura do Logos.

Evastua a